

A IGREJA, O ANTIGO E O NOVO REGIME

Vítor Feytor Pinto

A Igreja, fundada por Jesus Cristo, com a força do Espírito Santo, é feita de homens e, por isso, está sujeita aos normais ritmos da humanidade. Jesus foi muito claro na sua oração: “Pai Santo, não te peço que os tires do mundo, mas que os tires do mal. Eles não são do mundo, como Eu também não sou. Como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os envio ao mundo. Santifica-os na verdade” (cf Jo 17, 15-17). A Igreja é chamada a estar no mundo. Foi isto que João XXIII sentiu ao convocar o Concílio Vaticano II. O Papa queria a Igreja presente no mundo, a acompanhar as suas grandes transformações e a responder aos seus inúmeros problemas.

Foi neste contexto que o Concílio aprofundou o conceito de Igreja, considerando-a “Povo de Deus (LG 9). Esta Igreja está no mundo para o salvar. Para isso desafia a Igreja a entrar na sua actividade promovendo a dignidade humana, na construção da comunidade e no seu desenvolvimento. A partir disto deve a Igreja intervir na família, na cultura, na vida económica e social, no exercício da política e na construção da paz (cf GS, II parte).

O Concílio Vaticano II constituiu um “abanão” muito forte nas estruturas da Igreja e na forma de se ser cristão. Os leigos deverão assumir a ordem temporal que progrida e glorifique o Criador e Redentor (cf LG 31). A renovação da Igreja à luz do Concílio constituía tarefa de incalculável dificuldade. É por isso que se torna urgente estudar a relação da Igreja com o antigo regime e, depois do 25 de Abril, a sua relação com a democracia.

A IGREJA NOS ÚLTIMOS ANOS DO ESTADO NOVO.

Depois da década de 50, no século passado, a Igreja foi perdendo progressivamente importância. Era demasiado conservadora, com grande

dependência do poder político, com um estatuto de gratidão porque tinha adquirido a liberdade de culto e recuperado os bens confiscados na primeira República. Sinal desta relação de proximidade entre a Igreja e o Estado era, sem dúvida, a amizade do Cardeal Cerejeira com o Presidente do Conselho de Ministros desde Coimbra. Inclusivamente, a Concordata de 1940 continha o direito de veto dado ao Governo para a nomeação dos bispos residenciais.

Houve alguns acontecimentos que alteraram a relação da Igreja com o poder político: o 1.º Congresso Nacional dos Organismos Operários (JOC e LOC), em 1955, levantou problemas e chegou a querer proibir-se a sessão de encerramento no Pavilhão de Desportos; o Grande Encontro da Juventude em 1963, que assustou o Governo que acabava de mandar muitos jovens para a Guerra Colonial; a rotura entre a Santa Sé por causa da visita de Paulo VI à Índia em 1964, depois da perda de Goa, Damão e Diu ocupados pela União Indiana; e, sobretudo, o veto à nomeação em 1967 de António Ribeiro para Bispo da Beira em Moçambique. Veio então, a ser nomeado Bispo Auxiliar de Braga (o que não estava sujeito a veto) e em 1971 foi nomeado Patriarca de Lisboa.

Eram já muitas as vozes críticas que se levantavam na Igreja em contestação ao Estado Novo. As mais claras foram: a carta do Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, em 1958; as posições de D. Sebastião Soares de Resende, na Beira, na defesa da promoção humana dos povos africanos; as palavras de D. Francisco Rendeiro em favor dos mais pobres, na profunda mudança do Algarve; e ainda, a expulsão de D. Manuel Vieira Pinto, em 1974, obrigado a deixar Moçambique.

Acresce, a tudo isto, a atitude firme de D. António Ribeiro, Cardeal Patriarca de Lisboa que, uma vez à frente desta vasta diocese, manteve sempre uma distância crítica dos detentores do poder. Nas suas intervenções, de uma clareza invulgar, afirmava sempre a liberdade da Igreja. É certo que Marcelo Caetano era mais tolerante, mas nem por isso impediu que, na Vigília da Paz, em 1973, fossem presos alguns cristãos entre os quais o Padre Janela. O Patriarca dirigiu-se à prisão e afirmou claramente não sair dali sem trazer consigo o sacerdote detido.

Não pode esquecer-se a expulsão de 9 padres angolanos, entre os quais Alexandre Nascimento e Manuel Franklin que vieram a ser mais tarde bispos de grande prestígio em Angola, um Cardeal em Luanda e o outro Arcebispo no Lubango.

A Igreja do após Concílio sofria, porém, uma profunda crise. Em poucos anos, entre 65 e 71, o Cardeal Cerejeira viu desmoronarem-se os qua-

tro sonhos que haviam marcado o seu pontificado: o Seminário dos Olivais sofreu perdas extraordinárias, chegando a ver afastar-se os seus melhores responsáveis; inúmeros sacerdotes deixaram de exercer, e entre estes muitos jovens das melhores famílias que tinham “vocação tardia”, já licenciados; a Acção Católica entrara em rotura e, na tentativa de renovação, ficara sem militantes de base; finalmente, os grupos de mulheres consagradas, em dois ou três organismos da diocese, sofreram também muitas roturas.

Era muito difícil afirmar o Concílio Vaticano II sobretudo na relação da Igreja com o mundo. Há três campos em que a intervenção da Igreja se tornava mais difícil, quase impossível: a realidade socioeconómica, a responsabilidade política e a construção da paz.

Na reconstrução da Acção Católica, D. António Ribeiro tentou uma nova “junta central”. Os escolhidos, jovens com grandes capacidades, foram Sousa Franco, Jorge Miranda, Paulo Marques, Brito Correia, João Gomes e outros, que se revelaram muito influentes no após 25 de Abril.

Nem os sacerdotes, em todas as comunidades cristãs, estavam preparados para a renovação que o após Concílio exigia. Os sacerdotes dividiram-se entre conservadores e progressistas e as comunidades ensaiavam novas formas nem sempre muito felizes.

Os jovens, na Acção Católica, JEC, JUC e JOC, tentaram remar contra a maré, superando as rotinas e o adormecimento das estruturas. Enfrentaram, porém, problemas difíceis como a guerra colonial, a democratização do ensino, o estatuto da mulher e a participação na vida económica. Os jovens cristãos queriam intervir na construção de uma sociedade democrática e verdadeiramente fraterna.

O 25 DE ABRIL, ENTRE O TEMOR E A ESPERANÇA

Em 24 de Abril de 1974 reuniu-se em Fátima a Conferência Episcopal, com um voto de protesto pela expulsão de D. Manuel Vieira Pinto da sua Diocese em Moçambique. Ficou decidido que, no dia seguinte, uma delegação de bispos iria fazer uma visita de desagravo ao bispo afastado da sua comunidade.

Na madrugada do dia seguinte, 25 de Abril, as tropas de vários quartéis, próximos da capital, avançaram sobre a cidade de Lisboa. A Rádio Renascença, da Igreja Católica, foi interrompida para dar a senha e contrassenha do golpe militar. Foram transmitidas duas canções: “Depois do Adeus” de Paulo de Carvalho e “Grândola Vila Morena” de Zeca Afonso.

Acordado às 6 da manhã, falei ao telefone com o Arcebispo de Mitilene e a seu pedido segui para Fátima. Obrigado a parar no caminho por uma brigada, com metralhadoras, consegui saber que se pretendia a deposição do Presidente da República, entregando o poder a Costa Gomes. Isto mesmo referi na Assembleia do CEP. Na altura, o Bispo das Forças Armadas tranquilizou o Episcopado ao dizer que este general era um católico praticante e que o diálogo com ele não seria difícil. A presidência da Conferência Episcopal estava a cargo de D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro.

Entre 25 de Abril e 1 de Maio, sentiu-se entre os cristãos uma grande tensão. Nestes dias, os católicos conservadores temiam, os progressistas rejubilavam, a grande maioria dos cristãos aguardava a reacção da Igreja. Começava a sentir-se, porém, um ambiente hostil à Igreja, dando ocasião a muitas situações de medo. Os bispos e os sacerdotes, à sua maneira, mantiveram uma grande serenidade, tentando avaliar as consequências da revolução e ensaiando formas de diálogo com os novos donos do poder.

O APÓS 25 DE ABRIL E A ADAPTAÇÃO PROGRESSIVA A UM MUNDO NOVO.

Com uma grande preocupação, a Igreja procurava entender a revolução e, quanto possível, descobrir nela os valores positivos que trazia consigo. Os partidos afirmavam as suas ideologias, os grupos de populares pretendiam participar na conquista do poder, sentia-se uma falta de autoridade que mesmo em democracia é indispensável. Tudo isto levava a Igreja a estar atenta para descobrir a melhor forma de contribuir para uma sociedade justa.

Durante o período do PREC cometeram-se muitos abusos. A Igreja sofreu as suas consequências: seminários e outras instituições que foram ocupados, igrejas e capelas que foram vandalizadas, “grafitis” por todo o lado que ameaçavam padres e cristãos mais conhecidos. Todo este ambiente atingiu o auge com o assalto ao Patriarcado em Julho de 1975, que tinha como objectivo impor a intervenção do Estado na Rádio Renascença. Foi extraordinária a posição do Cardeal D. António Ribeiro, na defesa dos cristãos refugiados na casa patriarcal. O Cardeal, por telefone, chegou a dizer ao Presidente da República que, se não terminasse aquele assalto, ele mesmo sairia da Casa Patriarcal solenemente, com a “Cruz Alçada” à frente dos cristãos que queriam levar para o Campo Pequeno.

D. Manuel de Almeida Trindade, presidente do CEP, solidarizou-se com a administração da Rádio Renascença, condenando a sua ocupação. Daí resultou que muitos radicais aproveitaram esta oportunidade para o assalto às sedes do Partido Comunista. Foi um momento difícil na vida da Igreja. A par disso, alguns bispos das dioceses do Ultramar regressaram a Portugal.

Neste tempo difícil, destacaram-se alguns responsáveis da Igreja pela sua serenidade, prudência, coragem na afirmação do papel da Igreja, nesta sociedade nova. Podem destacar-se o Cardeal António Ribeiro no diálogo com os diversos governantes, D. António Ferreira Gomes na crítica a tudo o que de negativo estava a acontecer, D. Manuel Vieira Pinto no acompanhamento da vida de Moçambique e os novos bispos de Angola, D. Alexandre do Nascimento e D. Manuel Franklin.

A Igreja, enfrentando as dificuldades, rapidamente se renovou nas suas estruturas pastorais: no Ministério da Educação, com novos programas de Moral e Religião; no Ministério da Segurança Social e do Trabalho, com a Federação das IPSS e com a União das Misericórdias; no Ministério da Saúde, com o novo estatuto dos Capelães Hospitalares. Acrescente-se o dinamismo da Universidade Católica que adquiriu crédito com a qualidade de ensino. Os movimentos de leigos renovaram-se, com o MCE (estudantes católicos), o MTC (trabalhadores católicos) e o JARC (jovens agrários católicos).

Conseguiu-se a renovação profunda dos seminários, com mais exigência na formação do clero. Os seminários menores deram origem a uma formação dos jovens dentro da família, o pré-seminário. Instituiu-se também a Pastoral Juvenil nas dioceses, com o envolvimento de milhares de jovens. Surgiram, ainda, movimentos de leigos de grande implantação na sociedade, com relevo na formação bíblica e na renovação profunda do ser cristão. Multiplicaram-se também os movimentos de oração. É uma Igreja em renovação permanente.

Após a revolução surgiram nas dioceses Assembleias Plenárias do Clero que preocuparam a Igreja. Tirando destas o positivo que continham, rapidamente se organizaram simpósios, onde os problemas do sacerdócio e da pastoral são debatidos sem medo e com fundamentadas razões de esperança.

Toda este processo de renovação pastoral não deixou de dar atenção a alguns problemas em debate na sociedade. O primeiro foi sem dúvida o do divórcio, que encontrou solução em 1975, com a revisão do art.24.º da Concordata. Em debate, mantêm-se desde então o problema do aborto,

o estatuto da mulher, as inúmeras questões fraturantes e muitos outros problemas éticos de que a Igreja tem uma posição clara na defesa da vida e da dignidade humana.

A CONCLUIR

Fátima continuou a ser lugar de encontro para os cristãos, quer na oração e na celebração de peregrinações, quer na reflexão pastoral e no compromisso com a sociedade. Fátima, com a presença de Maria, torna-se para toda a Igreja uma referência, uma esperança de salvação. As visitas dos Papas a Portugal têm sido estímulo para uma presença no mundo que possa configurar novos valores. Os governos de diferentes tendências associaram-se sempre a esta presença do Papa em Portugal. É um sinal da importância da Igreja nesta sociedade democrática.